

# Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 4

Marcos William Kaspchak Machado  
(Organizador)

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



Marcos William Kaspchak Machado  
(Organizador)

# Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 4

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I34 Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas  
4 [recurso eletrônico] / Organizador Marcos William Kaspchak  
Machado. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. –  
(Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais  
Aplicadas; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-164-0

DOI 10.22533/at.ed.640191103

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.  
I.Machado, Marcos William Kaspchak. II. Série.

CDD 370.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O livro “*Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3*” aborda uma série de capítulos de publicação da Atena Editora, subdivididos em 4 volumes. O volume IV apresenta, em seus 33 capítulos os estudos mais recentes sobre aplicação de novos métodos na educação superior, ambiental e gestão do conhecimento.

As áreas temáticas de educação superior, educação ambiental e aplicação da gestão do conhecimento, retratam o cenário atual do desenvolvimento de novas metodologias ativas no processo educacional e seu impacto na geração de conhecimento técnico-científico.

A educação é historicamente uma ciência de propagação e disseminação de progresso, percebido no curto e longo prazo em uma sociedade. Observamos que a construção da ética, proveniente da educação e inclusão, traz resultados imediatos no ambiente em que estamos inseridos, percebidos na evolução de indicadores sociais, tecnológicos e econômicos.

Por estes motivos, o organizador e a Atena Editora registram aqui seu agradecimento aos autores dos capítulos, pela dedicação e empenho sem limites que tornaram realidade esta obra que retrata os recentes avanços inerentes ao tema.

Por fim, espero que esta obra venha a corroborar no desenvolvimento de conhecimentos e novos questionamentos a respeito do papel transformador da educação, e auxilie os estudantes e pesquisadores na imersão em novas reflexões acerca dos tópicos relevantes na área social.

Boa leitura!

Marcos William Kaspchak Machado

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ANÁLISE GERAL DO ENSINO SUPERIOR EM INSTITUIÇÕES PRIVADAS NO BRASIL A PARTIR DO ENADE (TRIÊNIO 2013-2014-2015)	
Ivan da Costa Ilhéu Fontan Renata Guimarães de Oliveira Fontan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6401911031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
SALA DE AULA INVERTIDA: DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS À IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	
Anna Luiza Lemes Aleixo Leonardo Henrique Soares de Sales Paula Debortoli Lages Matarelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6401911032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>17</b>
ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO PELOS PROFESSORES DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS GERENCIAIS DE MANHUAÇU (FACIG)	
Andréia Almeida Mendes Glaucio Luciano Araujo Natalia Tomich Paiva Miranda Reginaldo Adriano de Souza Rita de Cássia Martins de Oliveira Ventura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6401911033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>28</b>
ENSINO A DISTÂNCIA: METODOLOGIA E APRENDIZAGEM	
Varda Kendler Luiz Cláudio Vieira de Oliveira Mário Teixeira Reis Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6401911034</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>39</b>
O MAPA CONCEITUAL COMO UMA ATIVIDADE DIDÁTICA AVALIATIVA NO ENSINO SUPERIOR	
Graciane Silva Bruzanga Borges Eliúde Oliveira Leal Célia da Consolação Dias Gercina Ângela de Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6401911035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>50</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA RELEITURA DO PROCESSO FORMADOR	
Zilda Gonçalves de Carvalho Mendonça	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6401911036</b>	

**CAPÍTULO 7 ..... 60**

FORMOÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: 25 ANOS DO CURSO DE PEDAGOGIA NA UNIFIMES

Eleno Marques De Araújo  
Vânia Maria de Oliveira Vieira  
Samuel Luiz Gonzaga  
Hitalo Vieira Borges  
Maksoel Souza da Silva  
Ramon Junior Santos da Costa

**DOI 10.22533/at.ed.6401911037**

**CAPÍTULO 8 ..... 72**

A EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DO DIRETÓRIO CIENTÍFICO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFMG: INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO DENTRO DO CAMPO ACADÊMICO

Yuri de Castro Machado  
Carmem Lages Vieira  
Bernardo Soares Lacchini  
Pedro Henrique Rocha Caldeira

**DOI 10.22533/at.ed.6401911038**

**CAPÍTULO 9 ..... 79**

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOS ESTUDANTES EM LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO NO USO DA INFORMÁTICA COMO FERRAMENTA DE AUXÍLIO PEDAGÓGICO

Thiago Bruno Caparelli  
Fabiola Nogueira Leal  
Maria Diomar Ribeiro  
Sandro Giulliano Bordado  
Viviane Nogueira Araújo

**DOI 10.22533/at.ed.6401911039**

**CAPÍTULO 10 ..... 83**

USO DA LINGUAGEM SCRATCH NO ENSINO PARA LICENCIANDOS EM FÍSICA

Criscilla Maia Costa Rezende  
Esdras Lins Bispo Júnior

**DOI 10.22533/at.ed.64019110310**

**CAPÍTULO 11 ..... 89**

DIRETRIZES PARA A FORMAÇÃO DE ENGENHEIROS: PERSPECTIVAS DE UMA FORMAÇÃO SISTÊMICA

Rosaria da Paixão Trindade  
Maria do Socorro Costa São Mateus

**DOI 10.22533/at.ed.64019110311**

**CAPÍTULO 12 ..... 100**

COMBINAÇÃO DE TECNOLOGIAS DE ENSINO E PESQUISA EM ENGENHARIA MECÂNICA

Fernando Coelho  
Gilberto de Magalhães Bento Gonçalves

**DOI 10.22533/at.ed.64019110312**

**CAPÍTULO 13 ..... 110**

O USO DAS TICS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

Jéssica da Silva Guimarães  
Paulo Vitor Teodoro de Souza  
Simara Maria Tavares Nunes

**DOI 10.22533/at.ed.64019110313**

**CAPÍTULO 14 ..... 118**

PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO PPGSS/UFPB NA DÉCADA DE 1990:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO VINCULADAS À ÁREA DE  
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL

Lucicleide Cândido dos Santos  
Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

**DOI 10.22533/at.ed.64019110314**

**CAPÍTULO 15 ..... 131**

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO PPGSS/UFPB NOS ANOS 2000:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO VINCULADAS À ÁREA DE  
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida  
Lucicleide Cândido dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.64019110315**

**CAPÍTULO 16 ..... 146**

A PROMESSA DE CO-AUTORIA: A INTEGRAÇÃO DE CONTEÚDO GERADO POR USUÁRIOS  
COMO ESTRATÉGIA DE ENGAJAMENTO E CIRCULAÇÃO NO AMBIENTE DIGITAL

André Bomfim dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.64019110316**

**CAPÍTULO 17 ..... 158**

ACESSO À INFORMAÇÃO PÚBLICA NOS ESTADOS-MEMBROS DA COMUNIDADE DE PAÍSES DE  
LÍNGUA PORTUGUESA

Flávio de Lima Queiroz

**DOI 10.22533/at.ed.64019110317**

**CAPÍTULO 18 ..... 180**

CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO DE QUÍMICA: ABORDAGEM DO TEMA RESÍDUOS  
NA AGRICULTURA

Juliano da Silva Martins Almeida  
Geize Kelle Nunes Ribeiro  
Pedro Augusto Sardinha Silva  
Camila Alves de Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.64019110318**

**CAPÍTULO 19 ..... 191**

GERMINAÇÃO DE SEMENTES DE *Psidium guajava* L. ORGÂNICA SOB DIFERENTES TRATAMENTOS DE QUEBRA DE DORMÊNCIA

Teonis Batista da Silva  
Flavia Cartaxo Ramalho Vilar  
Marcelo de Campos Pereira  
Adelmo Carvalho Santana  
Bruno Emanuel Souza Coelho  
Ricardo Cartaxo Ramalho

**DOI 10.22533/at.ed.64019110319**

**CAPÍTULO 20 ..... 196**

QUÍMICA AMBIENTAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: TRATANDO ÁGUA NOS TERRITÓRIOS SERTÃO PRODUTIVO BAIANO E VELHO CHICO COM SEMENTES DE *MORINGA OLEÍFERA* LAM

Marizângela Ribeiro dos Santos  
Rodrigo Neves Araújo  
Émille Karoline Santiago Cruz  
Joás Ferreira de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.64019110320**

**CAPÍTULO 21 ..... 210**

REMOÇÃO DE COR EM EFLUENTE DA LAVAGEM DE CARROS UTILIZANDO TANINO COMO COAGULANTE

Renata Luiza Lisboa Carlos  
Larissa Fernandes da Silva  
Juciane Vieira de Assis  
Yáskara Fabíola de Monteiro Marques Leite

**DOI 10.22533/at.ed.64019110321**

**CAPÍTULO 22 ..... 218**

AÇÕES EDUCATIVAS NÃO FORMALIZADAS EM AMBIENTE LABORAL: ESTUDO EXPLORATÓRIO EM EMPRESA AGROINDUSTRIAL DE ALIMENTOS

Rosângela Lopes Borges  
Cinthia Maria Felício  
Marcos Fernandes-Sobrinho

**DOI 10.22533/at.ed.64019110322**

**CAPÍTULO 23 ..... 228**

BENEFICIAMENTO DO FRUTO DE TAMARINDO POR MEIO DE DESIDRATADOR SOLAR DE BAIXO CUSTO

Marlene Gomes de Farias  
Rauene Raimunda de Sousa  
Mirelle de Moura Sousa  
Rafael de Sousa Nobre  
Albemerg Moura de Moraes  
Julianne Viana Freire Portela

**DOI 10.22533/at.ed.64019110323**

<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>239</b>
QUALIDADE DA ÁGUA COMO TEMA ORGANIZADOR DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE QUÍMICA	
Geize Kelle Nunes Ribeiro Juliano da Silva Martins de Almeida Camila Alves de Carvalho Pedro Augusto Sardinha Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64019110324</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>249</b>
TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO E O PROCESSO DE INTERSETORIALIDADE NO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA	
Fatima Arthuzo Pinto Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão Renato de Sousa Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64019110325</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>264</b>
REAPROVEITAMENTO DE RADIOGRAFIAS - FASE 2: UMA PROPOSTA PARA A COOPERATIVA ESCOLA DE ALUNOS DO IFTM – <i>CAMPUS</i> UBERLÂNDIA.	
Marília Cândida de Oliveira Ângela Pereira da Silva Oliveira José Antônio Pereira Juvenal Caetano de Barcelos Willian Santos de Souza Isabela Mendes da Silva Antônio Luiz da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64019110326</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>269</b>
PROJETO DE LIXOS ELETRÔNICOS E ROBÓTICA: UM EXEMPLO INTERDISCIPLINAR E SUSTENTÁVEL	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira João Batista de Oliveira José Edilson de Moura Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64019110327</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>281</b>
ENSINO SOBRE MOLUSCOS TRANSMISSORES DE DOENÇAS PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	
Patrícia Batista de Oliveira Lorena Souza Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64019110328</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>288</b>
GERAÇÃO Z: PROBLEMÁTICAS DO USO DA INTERNET NA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
Alexandra Dantas Teixeira Bruno Oliveira Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64019110329</b>	

<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>302</b>
PERSPECTIVA DO GÊNERO TEATRAL COMO RECURSO EDUCACIONAL PARA O ENSINO/ APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Maiele Sousa Silva Lima Natália Leão Prudente	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64019110330</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>309</b>
A LITERATURA COMO RESGATE DA CULTURA CEDRINA: HISTÓRIAS DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA EM GOIÁS, BRASIL	
Tânia Regina Vieira Maria Luiza Batista Bretas Tatianne Silva Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64019110331</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>324</b>
A PRESENÇA DA DANÇA NOS CENTROS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE GOIÂNIA	
Fernanda de Souza Almeida Priscilla Gomes Coelho Andreza Lucena Minervino de Sá	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64019110332</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>338</b>
CULTURA QUILOMBOLA DO CEDRO EM PERSPECTIVA INTERCULTURAL NO ENSINO BÁSICO	
Tatianne Silva Santos Maria Luiza Batista Bretas Matias Noll Tânia Regina Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64019110333</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>345</b>

## A LITERATURA COMO RESGATE DA CULTURA CEDRINA: HISTÓRIAS DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA EM GOIÁS, BRASIL

### **Tânia Regina Vieira**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação  
Goiânia-GO

### **Maria Luiza Batista Bretas**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Câmpus Ipameri  
Goiânia-GO

### **Tatianne Silva Santos**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação  
Goiânia-GO

**RESUMO:** O presente estudo trata do resultado parcial de pesquisa multidisciplinar realizada na Comunidade Quilombola do Cedro de Mineiros, Goiás. Essa comunidade vem experimentando, ao longo dos anos, um processo de aculturação, perda de territórios e êxodo de seus jovens que não conseguem se estabilizar no local por falta de oportunidades. Esta pesquisa teve como objetivo resgatar as histórias e conhecimentos tradicionais como meio de propagação de sua cultura e identidade e de preservar, por meio de publicações, os valores essenciais da vida comunitária e de sua sustentabilidade. Foi realizada uma análise holística e dialética, mediante pesquisa etnográfica e etnobotânica,

com perspectiva interdisciplinar. A pesquisa etnográfica fornece uma estrutura para o estudo dos significados de padrões e experiências de um grupo cultural de forma holística. Por sua vez, a pesquisa etnobotânica permite conhecer a diversidade da comunidade vegetal em questão, evidenciando as interações entre as sociedades humanas e as plantas como sistemas dinâmicos. A coleta de dados se deu mediante observação e entrevistas semiestruturadas que foram gravadas, filmadas, transcritas e analisadas a fim de resgatar as histórias que permeiam o imaginário coletivo da comunidade. Os resultados revelam a desestruturação do modo de vida dos cedrinos e dos ambientes naturais dos quais dependem, bem como a desagregação da comunidade em função do processo de aculturação que tem se evidenciado nos últimos tempos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunidade Quilombola do Cedro; Cultura; Identidade; Aculturação.

**ABSTRACT:** The present study treats of the partial result of a multidisciplinary research made in the Quilombola Community of Cedar in Mineiros, Goiás. This community has experienced an acculturation process, loss of territory, exodus of its young people that can not stabilise in the area because of the lack of opportunities. This research had as objective to rescue the histories and traditional

knowledge as the means of propagation of its culture and identity and to preserve, by some publications, the values of the community life and its sustainability. A holistic and dialectical analysis was carried out through ethnographic and ethnobotanical research with an interdisciplinary perspective. The ethnographic research provides a structure for the study of meanings and experiences of a cultural group in a holistic way. The raising of knowledge about the medicinal plants used by the Cedar Community also consists in the study of the applications and the uses of traditional vegetables by man. The collection of data was carried out through some observations, semi-structured interviews that were recorded, filmed, transcribed and analyzed in order to rescue the histories which were in the collective imaginary of the community. The results reveal the disruption of the ways of life from the “cedrinos” and the natural environments on which they depend, as well as the breakdown of the community in function of the process of acculturation that has shown in the new generations of last times.

**KEYWORDS:** Quilombola Community of Cedro; Culture; Identity; Acculturation.

## 1 | INTRODUÇÃO

O presente estudo integra uma pesquisa intitulada “Tecendo histórias etnobotânicas e culturais na Comunidade Quilombola do Cedro, em Mineiros, Goiás”. A identificação da comunidade, que fica a Sudoeste do Estado, se deve a um dos córregos que banha a região. O Córrego Cedro, que faz parte da bacia hidrográfica da área do quilombo, margeia as propriedades dos seus habitantes, cujas matas ciliares, há décadas atrás, eram repletas de árvores nobres, como peroba, jatobá e, em especial, o cedro. Essa última é uma madeira de lei resistente e encontra-se ameaçada de extinção, sendo citada em listas vermelhas (Biodiversitas, 2005; MMA, 2008; IUCN, 2011). Como a espécie vegetal, a cultura dos afrodescendentes também está ameaçada devido à invasão da cultura exógena na comunidade.

Fazendo jus ao nome, essa população se mantém resistente até os dias atuais, sobretudo, pela sua relação com a terra e pelo trabalho que desenvolve com a manipulação de plantas medicinais. Entretanto, esse povoado não está isento de um dos maiores problemas que as comunidades tradicionais vêm experimentando nos últimos séculos, dentro ou fora do país: as sucessivas perdas de sua territorialidade e identidade. Ainda que a Constituição Brasileira de 1988 tenha feito uma justa reparação à dívida histórica na questão do negro no Brasil, assegurando aos remanescentes de quilombos o direito à propriedade, essas populações minoritárias, já bastante prejudicadas pelos inúmeros embates ocorridos entre o movimento negro e a força conservadora da elite brasileira, veem se arrastar por anos e anos a tão sonhada posse definitiva de suas terras, sem que consigam sua legalização. Ademais, constata-se o acultramento das novas gerações desses grupos étnicos. Estudos demonstram que a perda de identidades culturais coletivas através das gerações tem causado uma verdadeira “erosão cultural” (MARCHESE et al. 2009).

Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo resgatar as histórias e conhecimentos tradicionais da Comunidade Quilombola do Cedro como meio de propagação de sua cultura e identidade. Realizamos uma análise holística e dialética da Comunidade do Cedro, mediante uma pesquisa etnográfica e etnobotânica, com perspectiva interdisciplinar para resgatar as histórias locais. A pesquisa etnográfica fornece estrutura para o estudo dos significados de padrões e experiências do grupo cultural e tem como objetivo depreender comportamentos e práticas dos moradores nativos. As questões que integram o conhecimento e práticas etnobotânicas da região do Cerrado impregnados nesta comunidade remetem à necessidade de divulgação de “uma cultura da sustentabilidade” para a preservação do ambiente e de culturas nativas como parte integrante do ciclo da vida de nosso planeta. Os resultados do presente estudo permitirão portanto, promover um novo olhar sobre os valores essenciais da vida cedrina e de sua sustentabilidade.

## 2 | METODOLOGIA

O conceito de etnografia em que se baseia este estudo é o que Geertz (1973, p.7) chama de “uma descrição densa” em que o papel do etnógrafo é se aprofundar nas múltiplas estruturas conceituais, por vezes estranhas, regulares e implícitas em que ele tem que primeiro apreender e depois apresentar. Esse tipo de pesquisa, ao analisar e revelar as diferentes relações interpessoais e de integração entre os pares e com o mundo a sua volta, desenvolve a reflexividade do etnógrafo e promove um processo de pesquisa qualitativa que pode favorecer o conhecimento das comunidades tradicionais que estão em situação de risco e que experimentam a desigualdade e a exclusão social. A pesquisa etnobotânica, por sua vez, permite conhecer a diversidade da comunidade vegetal, evidenciando as interações entre as sociedades humanas e as plantas como sistemas dinâmicos, bem como suas aplicações e usos tradicionais dos vegetais pelo homem.

A Comunidade do Cedro está localizada a cinco quilômetros do centro urbano da cidade de Mineiros, município que fica a Sudoeste do Estado de Goiás. Poder-se-ia dizer que se trata de um bairro da cidade, não fosse a comunidade ainda guardar características tradicionais da vida rural vivenciada por seus habitantes.

Essa investigação, que iniciou-se em 2015, tem caráter interdisciplinar e reuniu pesquisadores das áreas de Agronomia, Administração, Biologia e Letras. A coleta de dados se deu mediante observação participante e entrevistas semiestruturadas que foram gravadas, filmadas e registradas para melhor observação e análise dos dados. As gravações das entrevistas foram transcritas e analisadas a fim de resgatar as histórias que permeiam o imaginário coletivo da comunidade. O tratamento de todo o material coletado nas entrevistas foi realizado a partir da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2009), cuja exploração do material e a interpretação das mensagens

teve como ponto de partida uma organização metodológica que se configurou em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (BARDIN, 2009, p.121). Esse caminho multifacetado que caracteriza a Análise de Conteúdo traz a possibilidade de produção de sentidos e significados dentro da diversidade de amostragem que foi possível coletar.

Primeiramente, foram realizados encontros informais com membros da comunidade a fim de levantar informações sobre suas experiências com o uso de plantas medicinais e seu manejo. Em seguida, procurou-se conhecer o cotidiano dos moradores, suas atividades, os aspectos socioeconômicos e culturais, sua religiosidade e os eventos mais importantes para a coletividade. Durante esse processo foi possível observar o sentimento de pertencimento que é comum a todos os cedrinos, conforme revelam as palavras de Pedro<sup>1</sup>: “Minha vida é isso aqui, é a comunidade do Cedro. O afeto, o carinho de todo mundo, todo mundo conhece todo mundo e isso faz a gente querer esse afeto mais e mais”.

### 3 | DISCUSSÃO E RESULTADOS

Em geral, a história tradicional oferece uma “visão de cima”, concentrando-se nos feitos dos grandes homens. No entanto, a “história vista de baixo” tem, atualmente, recebido mais atenção, pois se preocupa com as opiniões das pessoas comuns e com as experiências de mudança social que carregam (BURKE, 2011). Por esse motivo é importante conhecer e compartilhar tais saberes.

Esses deslocamentos da atenção para a história das mentalidades coletivas pode evitar a perda das raízes culturais e comunitárias, porque “os propósitos da história são variados, mas um deles é prover aqueles que a escrevem ou a leem de um sentido de identidade, de um sentido de sua origem” (SHARPE, 2011, p.60). Ainda de acordo com o autor, a abordagem da história vista de baixo apresenta duas funções: a primeira trata de corrigir a história das elites, pois todo fato histórico possui versões vividas tanto pelos grandes homens e reveladas publicamente, quanto versões vividas pelos homens comuns e que, na maioria das vezes, não vêm à tona. Na segunda função, abre-se a possibilidade de se enriquecer a compreensão histórica com a experiência do cotidiano das pessoas. Em ambos os casos, ganha a ciência com a fusão e a divulgação das duas funções, ampliando o acesso ao conhecimento dos feitos históricos, sendo esse um dos principais objetivos daqueles que escrevem a história vista de baixo.

O papel essencial da antropologia interpretativa, segundo Geertz (1973), não é apenas responder a todas as questões em profundidade, mas disponibilizar as respostas de outrem, registrando-as para consultas posteriores. Tal assertiva é

---

1. Pedro, 25 anos, é morador da Comunidade Cedro. Esse depoimento faz parte da sua entrevista concedida no dia 1º de agosto de 2015. Para preservar a identidade dos entrevistado, os nomes foram trocados por pseudônimo.

corroborada por Gadamer (2014) que recorre à hermenêutica simbólica na tentativa de buscar a verdade e de compreender o que alguém diz, estudando e analisado o desenvolvimento da linguagem como a experiência humana do mundo numa abordagem que procura identificar o significado nas relações interpessoais e sociais do indivíduo. Nas palavras do filósofo, “a linguagem é o meio em que se realizam o acordo dos interlocutores e o entendimento sobre a coisa em questão” (GADAMER, 2014, p.497).

Mergulhar nas várias dimensões simbólicas da ação social de um determinado grupo, estejam elas no âmbito artístico, ideológico, científico, legal e moral, requer a identificação do significado das relações sociais. Conforme atesta Gadotti (2002, p.22), “índios e negros foram obrigados a rejeitar suas visões de mundo, suas crenças e valores. Sem a indianidade e a negritude, a brasileiridade foi muito empobrecida. A branquidade não fornece identidade cultural para todos brasileiros”. Esse movimento antropofágico do branco em relação às comunidades tradicionais, sobretudo as indígenas e de negros que nos formaram e que muitas vezes resistimos em aceitar, é um fator que contribui para o enfraquecimento da identidade brasileira.

### 3.1 Formação e identificação

O município de Mineiros teve sua origem no século XIX, com a chegada de levas de homens, escravos e seus senhores, vindos de Minas Gerais, ou os chamados mineiros (por essa razão o nome do município), atraídos por terras cultiváveis e pelos diamantes que ali foram encontrados pelos Carrijo de Rezende. Entre os escravos que chegaram nessas terras, ao longo desse século, estava Francisco Antônio de Moraes, conhecido por Chico Moleque, alcunha que recebeu ainda menino por ser muito esperto e artilheiro. A ele é atribuída a fundação da Comunidade Quilombola do Cedro, após adquirir terras por conta de seu trabalho, tornando-a singular em relação à formação dos outros quilombos brasileiros que se originaram, na sua maioria, a partir da aglomeração de escravos fugitivos (BAIOCCHI, 1983).

Dotado de uma grande resistência e de uma força física incomum de trabalho, segundo testemunham seus descendentes, Chico Moleque, com seu trabalho aos domingos e feriados, conseguiu a sua carta de alforria, a de sua mulher Rufina e de sua filha mais velha, Benedita Marques de Jesus (mais tarde parteira importante e muito requisitada na região). Com as economias que lhe sobraram, pode adquirir também parte da Fazenda Flores do Rio Verde, por volta de 1895, ali se instalando com a família. O ex-escravo, assim que se estabeleceu no local, iniciou um processo de agricultura de subsistência que logo se tornou um pequeno e rentável negócio de comercialização de grãos e demais produtos retirados da terra e do cuidado com a sua criação (BAIOCCHI, 1983).

O progresso alcançado por Chico Moleque que, como consta em Baiocchi (1983, p.85), “foi um dos *primeiro home* que trabaiô aqui em Goiás (Mineiros), que vendeu um carro de milho por 10 mil réis, o homem mais rico que tinha de *pele preta*”, incentivou

outros negros da região a se juntarem a ele. Com a esposa, seus dez filhos e os demais membros que foram se juntando, a comunidade se tornou uma numerosa família. Além do trabalho na lavoura, Chico Moleque principiou o processo de manejo com as plantas medicinais para a cura de diversos males na comunidade que fundou, uma vez que não existiam farmácias, ou boticas, próximas ao povoado. Esta atividade foi sendo aprimorada ao longo do tempo e perdura até os dias atuais.

Pelos feitos alcançados pelo ex-escravo e pelo caráter diferenciado na formação dessa singular sociedade, o povo da região a identifica de forma peculiar, como explica a antropóloga Mari Baiocchi (1983, p.97), cuja pesquisa, *Negros de Cedro*, foi o primeiro estudo dedicado a esse povoado de que se tem notícia:

O “cedrino de descendência” – o que ainda tem a terra e tem a família como unidade produtora – consegue sobreviver melhor que os outros. Ser de Cedro representa não ser um João-Ninguém. Ser de Cedro é ter terra – o que, em uma sociedade agropastoril, representa *status*. A terra, conferindo-lhes *status*, leva a que o mineirense o diferencie dos demais pretos. “O preto de Cedro é diferente”, pode-se confiar nele; o branco separa-o dos outros pretos, e *ele se distingue* dos demais lavradores, vaqueiros, etc.

Segundo João Carlos, morador da Comunidade Cedro, Chico Moleque é reconhecido como um verdadeiro herói pelos cedrinos, pois um ex-escravo que consegue adquirir uma grande extensão de terras cultiváveis no tempo em que só os coronéis alcançavam tal privilégio é uma façanha muito grande e deve ser motivo de orgulho para os seus descendentes. Contudo, ele admite uma justificada preocupação com a preservação da figura de Chico Moleque no papel de herói de seu povo. A comunidade precisa manter viva sua memória como legado para as gerações mais novas: “A criança que nasceu já precisa ter conhecimento, porque a gente fala de muitos heróis e acaba esquecendo de falar desses heróis, a gente considera ele [Chico Moleque] como um herói, que conseguiu tudo isso pra nossa comunidade, nosso povo”.

Em *O herói*, Kothe (1987, p.85) afirma que “tentar reproduzir a sociedade apenas segundo a fachada construída pelos interesses dominantes seria desconhecer a sua estrutura interior, os seus fundamentos e os mecanismos de acordo com os quais ela funciona”. Rememorar os feitos de Chico Moleque por meio do livro infantil *Chico Moleque: um sonho de liberdade* (2016a), fruto desta pesquisa, é reconhecer a estrutura interior e preservar o inconsciente coletivo que permeia a memória cedrina.

### 3.2 Dados atuais da comunidade

De acordo com informações colhidas (2016), a comunidade do Cedro é constituída por 78 famílias distribuídas em 70 pequenas propriedades rurais (chácaras) Tabela 1. Dentre esses, 145 são cedrinos, gentílico de quem nasce e mora nessa comunidade, e 92 são pessoas que adquiriram as chácaras de quilombolas ou que moram de aluguel em propriedades que ainda pertencem aos antigos negros do Cedro. Apesar de o

percentual de moradores remanescentes quilombolas (61%) ser maior que o número de não quilombolas (39%), a presença de uma cultura exógena à comunidade contribui para um processo lento e contínuo de aculturação.

MORADORES	HOMENS	MULHERES	TOTAL
0 a 10 anos	16	16	32
11 a 20 anos	22	13	35
21 a 30 anos	19	19	38
31 a 40 anos	14	15	29
41 a 50 anos	13	11	24
51 a 60 anos	23	14	27
61 a 70 anos	09	06	15
71 a 80 anos	07	08	15
81 a 90 anos	02	04	06
91 a 100 anos	-	03	03
<b>TOTAL</b>	<b>127</b>	<b>110</b>	<b>237</b>

Tabela 1—População da Comunidade Quilombola do Cedro

Fonte: Próprio autor

Da análise dos dados, depreende-se que, embora o número de representantes do gênero masculino prevaleça na maioria das faixas etárias, são as mulheres que têm maior longevidade, ainda que tenham tido um grande número de filhos. Verifica-se que ao contrário da população brasileira que está envelhecendo e o número de idosos começa a apresentar um movimento inversamente proporcional ao número de recém-nascidos, as faixas etárias mais jovens (até 30 anos) são as que contemplam o maior número de moradores. Tal fato aponta para um fator positivo que é a renovação e o fortalecimento da comunidade enquanto grupo de cultura remanescente.

Muitas pessoas da própria comunidade se viram obrigadas a vender parte ou toda terra e foram para a cidade em busca de melhores oportunidades. Boa quantidade das terras originais foram tomadas, de maneira indevida, por grandes latifundiários que as cultivavam ou doavam para entidades, como foi o caso do terreno onde hoje se encontra a Igreja de São Bento. Hoje existe um loteamento em frente à entrada da sede da Associação dos Moradores da Comunidade Cedro. Aos poucos a cidade vai avançando em direção às propriedades dos cedrinhos, causando-lhes preocupação e dúvida com relação ao seu futuro.

Pessoas de hábitos simples, os quilombolas sentem a terra onde moram como seu maior patrimônio, bem de valor inestimável e necessário, que representa uma dicotomia cultural dentro daquele contexto social. Se por um lado, ter propriedade lhes dá segurança, poder, *status*, confirma suas raízes, mostra sua história de vida, de lutas incessantes, sendo também seu meio de sobrevivência, por outro lado, as inúmeras perdas da terra representam o enfraquecimento dos remanescentes enquanto grupo de resistência e de enfrentamento às constantes investidas dos interesses capitalistas.

### 3.3 Aspectos socioeconômicos

A sociedade cedrina está centrada na família e em torno dela giram várias das atividades do cotidiano. Sendo o primeiro grupo social que atua diretamente na formação do indivíduo, a família representa para a comunidade o principal veículo na transmissão dos seus saberes tradicionais. Em grande parte dessas propriedades habita apenas uma família; todavia, em algumas chácaras podem ser encontrados dois, três e até quatro núcleos familiares. Normalmente, as casas são bem equipadas com eletrodomésticos e com aparelhos eletrônicos e seus proprietários desfrutam de certo conforto e abundância. Um pouco menos da metade das propriedades, 33 delas, não pertencem aos quilombolas, fator preocupante e ameaçador.

No princípio, a economia cedrina se baseava, essencialmente, no cultivo da terra e na venda de alguns produtos excedentes das pequenas lavouras familiares, assim como na comercialização de produtos fitoterápicos provenientes da manipulação de plantas medicinais. A organização desse sistema de produção está calcada no “mundo da tradição, da sabedoria popular que se orienta pelo ritmo da natureza, pela interpretação dos seus signos e que considera os limites naturais, muitas vezes, leis divinas” (BRANDENBURG, 1997, p. 76).

A produtividade da terra com a mão de obra familiar perdura até os dias atuais, embora a força de trabalho da comunidade venha diminuindo ano a ano com o envelhecimento dos moradores e a mudança dos jovens que deixam a comunidade em busca de outras oportunidades. Hoje em dia, devido à necessidade de complementar a renda familiar, a maioria busca trabalho em Mineiros no serviço público ou em outros seguimentos e instituições, exercendo diferentes funções.

A relação com a terra é mais um traço da cultura deste povo que vai se perdendo nesse processo de aculturação. O que outrora era um estilo de vida natural se reveste de representação simbólica. A pesquisadora Maria Corette Pasa (2007), em um estudo semelhante com comunidades do Bambá (MT), questiona por quanto tempo essas comunidades e seus saberes locais vão resistir à expansão capitalista. Mesmo que essas áreas sejam incorporadas à modernização econômica, tais rupturas, segundo a autora, poderão provocar desequilíbrios e transformações de ordem cultural, social, econômica e ecológica. Nota-se um processo de urbanização do rural e de dominação cultural que vem se constituindo em função dos meios de comunicação, da expansão midiática e da necessidade de se integrar ao mercado globalizado, enfraquecendo a comunidade e estabelecendo condições econômicas menos privilegiadas.

### 3.4 Aspectos culturais

No *Manifesto sobre aculturação*, documento resultante de um seminário realizado na Universidade de Stanford, EUA, em 1953, os autores afirmam que “qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação”, pois se trata de manifestações humanas e, portanto, passíveis de mudanças. Nesse sentido, o antropólogo Laraia

(1993) afirma serem possíveis dois tipos de mudança cultural: uma que se processa internamente, resultado da própria dinâmica do grupo social, e outra que se concretiza sob as interferências e o contato com um grupo social exógeno. No primeiro caso, as mudanças costumam ser quase imperceptíveis, uma vez que se realizam lentamente e vão acontecendo no interior do grupo. Entretanto, no segundo caso, determinados fatos ou eventos podem trazer uma mudança brusca e duradoura no interior do grupo. Esse processo de troca entre culturas diferentes, a partir da convivência entre ambas, em que uma determinada cultura pode sofrer ou exercer influência 'sobre outra é o fenômeno denominado de aculturação.

A Comunidade Quilombola do Cedro, embora mantenha determinados valores que lhe são originais, vem sofrendo um gradativo e preocupante enfraquecimento enquanto grupo social minoritário. Um dos aspectos mais preocupantes é a perda do território quilombola, quando se constata que dos 294 alqueires da área original, adquiridos por Chico Moleque, restam apenas 125 alqueires, devido a constantes investidas do mercado imobiliário na tentativa de se apoderar desse terreno valioso e estratégico para a cidade de Mineiros. Ademais, a demora do INCRA em legalizar e entregar a posse das terras (titulação) aos quilombolas é um processo que vem se arrastando há mais de uma década. Essa invasão exógena tem provocado a interferência de instituições e pessoas externas à comunidade que auxiliam na tomada de decisões sobre eventos e o destino do grupo, sem, no entanto, ouvir os diferentes seguimentos comunitários cedrinhos.

Outro fator que se verifica é a diminuição considerável de plantas medicinais do Cerrado na região, assim como o número de pessoas da comunidade que conhecem o seu manejo e uso. Atualmente, apenas 17 pessoas (7,2%) dos 237 moradores do Cedro conhecem e manipulam essas plantas. Não havendo a preservação dessas espécies, fica comprometida sua manipulação que se encontra concentrada nas mãos de uma parcela mínima de pessoas da comunidade.

O conhecimento das tradições comunitárias que antes era partilhado não só no meio familiar, mas igualmente na escola, sofreu com o fechamento da escola rural do Cedro. As crianças e adolescentes da comunidade de remanescentes foram obrigados a estudar nas escolas públicas de Mineiros consolidando um processo de enfraquecimento e de desvalorização da cultura local, acelerando o processo de aculturação. Além do mais, percebe-se que a falta de políticas públicas voltadas para a educação e manutenção dos jovens na comunidade é responsável pela crescente evasão do território quilombola. No depoimento de José Carlos<sup>2</sup>, pedagogo e quilombola do Cedro, nota-se o quanto a comunidade perdeu com o fechamento da única escola que lá existia e as consequências desse ato:

Claro que um país que fecha uma escola, isso é um retrocesso, nunca ouvi falar que você pode fechar escola porque a partir do momento... Primeiro que nós temos que pensa na questão da diversidade, acho que o poder público tinha que fazer

---

2. José Carlos é pedagogo e quilombola do Cedro. Essa entrevista foi concedida no dia 24 de setembro de 2015.

tudo pra manter essa escola, e ai eu tenho que me apegar em Paulo Freire com a questão de trabalhar a realidade de onde o sujeito vive, da onde o sujeito mora.[...] Aqui se for falar da onde eu moro, da minha realidade, do que que eu como, do que que eu gosto, isso normalmente vai facilitar o meu aprendizado como pessoa. A partir do momento que você fala uma linguagem que eu entendo isso fica muito mais fácil, se torna um jargão fala de coisas que eu não conheço, de uma outra cultura, de um outro lugar e quando fecha essa escola isso é um prejuízo muito grande no seguinte sentido: esse espaço se ele fica aqui ele seria um marco, é tanto que vocês já entrevistaram quem cedeu essas terras pra fazer a escola. Nós temos o espaço físico mas o poder público nunca teve o interesse de manter isso, porque parece que é tranquilo, agora a gente tem que tentar imaginar que isso custa muito caro pro município, pra você manter um transporte, a acessibilidade das crianças daqui é uma coisa terrível. Eu fico morrendo de dó das criança de madrugada, no dia que tá chovendo, na beira da estrada esperando um ônibus, eu acho que é completamente desumano isso. A criança com frio, correndo um risco de vida na beira da estrada esperando um ônibus passar quando tá chovendo. E a partir do momento que você tira essas crianças daqui e leva ela lá pra cidade, além de perder essa essência ela tem todos esses fatores pra ela poder ter acesso a escola. E nunca se pensou em investir. É preciso investir nas pessoas daqui pra manter a história, se formar pessoas daqui que conheçam a história né, pra essa história manter viva. Agora eu deixo a pergunta se existe interesse do próprio poder público de manter as raízes desse povo, de manter essa herança cultural que as pessoas têm. É, a cada dia que passa o que a gente percebe é que a cidade aproxima e num sei se existe o interesse muito grande do poder público manter essas pessoas, manter esses aluno estudando onde eles mora né. E ai vendo a realidade deles. É um questionamento que a gente tem que deixar no ar pra que se pense sobre isso.

A preocupação com a identidade coletiva, com a memória da comunidade e com a preservação do Cerrado é tema recorrente entre os remanescentes mais antigos do quilombo. Procurar preservar a história, as tradições, a identidade que permeiam a vida cedrina é a grande contribuição desta pesquisa, pois, como afirma Durand (2008) no homem não se pode dissociar cultura e natureza, pois ele não é puramente biológico, mas se dispõe da cultura ou, do contrário, seria um primata do mais baixo nível.

Utilizar os relatos dos moradores da Comunidade do Cedro em forma de textos literários pode ser um meio de propagação da realidade vivida por esses remanescentes, além de aliar o poder que a literatura tem de nos desenvolver uma quota de humanidade à medida que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante, conforme advoga Cândido (2002), ao afirmar que a literatura tem uma função humanizadora. Roland Barthes (1997, p.18), com relação à importância da literatura no ensino e seu alto teor de interdisciplinaridade afirma que:

A literatura assume inúmeros saberes. Num romance como Robinson Crusoé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria se salvar, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.

Nesse sentido, compartilhar as histórias vividas pelas gerações mais velhas, detentoras dos saberes tradicionais da comunidade, com as novas gerações é crucial

para sua preservação. Sendo assim, o livro “Contos Cedrinos” (BRETAS, 2016b) busca retratar histórias e estórias locais rememorando fatos e pessoas que marcaram a cultura quilombola. Esse livro de contos, bem como o livro infantil, podem ser inseridos no meio escolar como material didático sobre a cultura afro-brasileira, indo ao encontro do que apregoa a Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003 que inclui na rede oficial de ensino o estudo obrigatório da temática “História e cultura afro-brasileira”.

### 3.5 As manifestações culturais

Com o processo de abandono da comunidade e seu conseqüente acultramento, restaram poucas manifestações que caracterizam a cultura original cedrina. Essencialmente devoto e temente a Deus, o cedrino invoca a proteção e a interferência divinas nos momentos de dificuldades e alegrias vividas. Esses remanescentes procuram preservar algumas tradições africanas que receberam de seus antepassados, tais como as benzições (prática que vem se perdendo por falta de benzedeiros na comunidade que conhecem esse ritual), o misticismo, a crença nos prodígios e nos milagres divinos, apesar da grande influência do catolicismo.

Em sua maioria, professam a fé católica, tendo recebido os sagrados sacramentos do batismo, da eucaristia, da crisma e do casamento na igreja. Verifica-se, portanto, que as festas religiosas são as grandes responsáveis pela maior movimentação cultural da comunidade, uma vez que eles celebram em família esses sacramentos, além de outros tantos eventos que marcam o calendário católico, como a Folia de Reis, a Semana Santa e o Natal, entre outros. No entanto, existe também um centro espírita na comunidade e a miscigenação religiosa com a chegada de novos moradores. Apesar disso, a herança espiritual africana observada por Silva (2008) entre os remanescentes ainda é forte o bastante para se perceber raízes que evocam alguns cultos primitivos ligados à preservação das árvores e animais, ao plantio, ao tempo, ao culto aos antepassados, ao respeito pela natureza, pois no imaginário africano não há separação entre o mundo material e o mundo ecológico (BASTIDE, p. 1974). São ritos que cultivam uma genuína religião afro-brasileira.

Dentre as diversas manifestações culturais e esportivas da comunidade cedrina, tais como o Dia da Consciência Negra, o Futebol e a Maratona de Jovens, duas atividades se destacam por melhor identificar as raízes afrodescendentes dos quilombolas. Tratam-se da Missa Afro e da Dança Guerreira. Geralmente, a missa acontecia na terceira semana de cada mês na capelinha da comunidade. Mas, devido às dificuldades de agendamento dos padres, nem sempre essa regularidade é mantida. No entanto, os cedrinos organizam e participam da missa com orgulho, como afirma uma de suas organizadoras, Maria Regina: “A Missa Afro é um dos momentos culturais mais bonitas da história do negro porque é onde a gente conta cantando a nossa história”.

O ritual da Missa Afro segue os ritos da missa católica comum. A diferença está na decoração, nas vestimentas coloridas usadas por alguns fiéis (geralmente

com estampas que lembram as roupas africanas) e nas danças e nas músicas que remetem à fé, à alegria e ao sofrimento dos negros. Além de cânticos entoados em dialetos africanos, há músicas em que se misturam essa linguagem com o português. Na celebração dessa missa também são incorporadas músicas populares brasileiras, entoadas pela assembleia com a ajuda de instrumentos de percussão como o atabaque, o pandeiro, o chocalho e também o violão.

Há ainda outro ritual significativo e importante na celebração da Missa Afro que é o ofertório. Durante os dias de celebração da missa, os fiéis são convidados a levar alguma oferenda preparada por eles ou colhida em seus quintais, tais como: frutas, mandioca cozida, frangos preparados, queijo, doces, bolos etc, que são colocados no altar durante o ofertório. Ao final da missa, esses alimentos são levados para uma mesa instalada em um barracão contíguo onde então é celebrada a “quizomba”, ou confraternização dos irmãos em Cristo, com a degustação das iguarias ao redor da mesa farta e da roda de capoeira jogada pelos jovens da comunidade.

No que se refere à Dança Guerreira, ela é realizada apenas em ocasiões especiais e verificou-se que essa manifestação cultural é a única genuinamente cedrina, pois foi criada a partir da história da origem da comunidade. Conta-se que os fazendeiros invadiram e tomaram dos índios as terras dessa região. Posteriormente, Chico Moleque adquiriu parte dessas terras do fazendeiro para quem trabalhava e daí surgiram vários conflitos com os indígenas que, em represália, guerreavam com os quilombolas. Os quatro elementos da natureza, água, ar, fogo e terra estão caracterizados nos escudos e na pintura corporal dos guerreiros. Cada parte do ritual da dança é uma representação simbólica desse conflito pela defesa da terra e de seu povo.

A encenação começa com a entrada de jovens usando calças brancas, peitos, braços e barrigas nus, pintados com tinta branca. Gritam como para anunciar a chegada de alguma ameaça. São gritos de alerta contra algum perigo iminente. Começa então o som do atabaque executado em ritmo bem rápido. Os guerreiros correm, pegam suas lanças e escudos e começam a dançar. O atabaque vai ditando o ritmo do gingado dos corpos e da coreografia. De repente, novos guerreiros surgem com tochas de fogo acesas, o ritmo do atabaque acelera, a dança se torna mais frenética e todos os guerreiros fazem uma grande roda. Um deles é atingido e cai no meio do círculo, simulando uma morte. Os companheiros ficam em roda e aos poucos vão desfazendo o círculo. O som do atabaque ainda persiste mais um pouco e vai diminuindo, marcando o final da encenação.

Essa dança é motivo de orgulho para os quilombolas e sua execução vem passando de geração em geração. Entretanto, os cedrinos sentem que está cada vez mais difícil preservá-la e estimular os mais jovens a executá-la, conforme o depoimento de um dos moradores da comunidade:

A gente não tem incentivo assim... Mas é um grupo de dança que dança, a dança chama dança guerrêra, dança do gnomo. Só que vai ficar dançando pra onde? Só pra aqui, pra comunidade? Se apresentou essa dança, que eu conheço, uma vez

só, em Mineiros? Nós andou o estado inteirinho, Goiás Velho, Formosa, Brasília, Goiânia... Ganhamos uma... É... Nós ganhamos um convite pra participar de um encontro cultural em Salvador, o município nem interessou, pra eles falarem assim “não, nós vamos pagar só as passagens pra vocês irem”, ganhou nada, e os meninos tão aí, né, desacostumando. O ano passado eles já dançou aqui, já os menininhos pequenos. No ano passado eles apresentaram a dança do no (?). Mas aqueles mais... Que foi ficando mais velho, eles já foi.. Eles tá passando pros mais novos. Mas.. Aonde vai? (Cláudio, 42 anos).

Essa manifestação cultural é uma das mais bonitas e genuínas da Comunidade Cedro, mas a falta de incentivo, a dificuldade de contar com um professor para os ensaios e o restrito público para as suas apresentações estão colocando em risco a sua permanência e preservação.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo busca contribuir com o resgate dos conhecimentos tradicionais da comunidade do Cedro como meio de propagação e resistência contra a desestruturação dos seus modos de vida e dos ambientes naturais dos quais dependem, bem como da desagregação da comunidade, preservando sua história, cultura e identidade.

A fragmentação da comunidade do Cedro e, por conseguinte, o seu enfraquecimento, provocados pelo processo de aculturação e de dominação simbólica, podem levar a sua extinção, caso a memória, a identidade e o território desses remanescentes não sejam preservados. Por isso, uma das maiores preocupações dos cedrinos é exatamente preservar sua alteridade, cultivando valores que vêm sofrendo interferências externas e mesmo internas, resultados decorrentes do processo da dominação cultural e econômica do capitalismo desenfreado que ora presenciamos.

Ademais, constata-se a falta de reconhecimento dos direitos das populações tradicionais no que se refere à legislação ambiental e educacional. A invasão das terras vem provocando conflitos nas áreas ocupadas pelos quilombolas com a consequente perda de seu território e costumes devido à invasão de interesses urbanos. Já a inobservância do cumprimento da Lei nº 10.639 aponta para a necessidade da elaboração de material didático que promova uma educação para as relações étnico-raciais por meio de propostas pedagógicas sob uma perspectiva intercultural.

Destarte, apreender os modos de vida e da cultura da comunidade e suas representações sociais por meio das obras “Chico Moleque, um sonho de liberdade” e “Contos Cedrinos” configura-se como uma forma de salvaguardar a cultura desse povo. A função da literatura, segundo Gadamer (2005, p.227), é a preservação espiritual que introduz em cada presente sua história oculta, é “uma tradição cultural viva que não se limita a conservar o que existe, mas também a reconhecê-lo como exemplar e a transmiti-lo como modelo”.

Nesse sentido, empregar a literatura, tanto em sua função humanizadora quanto em suas possibilidades interdisciplinares serve para divulgar a importância da identidade cultural como o legado mais representativo e precioso de um povo,

despertando a consciência sobre a necessidade de novas políticas educacionais, de gestão dos recursos naturais e do manejo dos ecossistemas.

## REFERÊNCIAS

BAIOCCHI, Mari de Nasaré. **Negros de Cedro**: estudos antropológicos de um bairro rural de negros em Goiás. São Paulo: Ática, INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1997.

BASTIDE, Roger. **As Américas negras**. Trad. Eduardo de Oliveira. São Paulo: DIFEL/EDUSP, 1974.

BRANDENBURG, Alfio. **ONGs e a agricultura familiar**: a experiência da RURECO no desenvolvimento da agricultura familiar na região Centro-Oeste do Paraná. 1997. 309 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UNICAMP, Campinas, SP.

BRETAS, Maria Luiza. **Chico Moleque, um sonho de liberdade**. Goiânia: Cênone Editorial, 2016a.

\_\_\_\_\_. **Contos Cedrinos**. Goiânia: Cênone Editorial, 2016b.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. In: **DANTAS, Vinícius (Org.)** Textos e intervenção. São Paulo: Duas Cidades/Ed.34, 2002, p. 74-92.

DURAND, Gilbert. **Ciência do homem e tradição**: o novo espírito antropológico. São Paulo: Trion, 2008.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Petrópolis, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1973.

JESUS, R. E; MIRANDA, S.A. O processo de institucionalização da lei n.º 10.639/03. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03**. Brasília: MEC; Unesco, 2012.p. 49-72.

KOTHE, Flávio R. **O herói**. São Paulo: Ática, 1987.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

MARCHESE, José A. et al. Medicinal plants used by “Passo da Ilha” rural community in the city of Pato Branco, Southern Brazil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 81, n. 4, p. 691-700, 2009.

PASA, Maria Corette. **Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá**. Cuiabá: Entrelinhas, Ed. UFMT, 2007.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p.39-62.

SILVA, Martiniano José da. **Quilombos do Brasil: violência e resistência escrava (1719-1888)**. Goiânia: Kelps, 2008.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-164-0

